

BRASIL-PORTUGAL

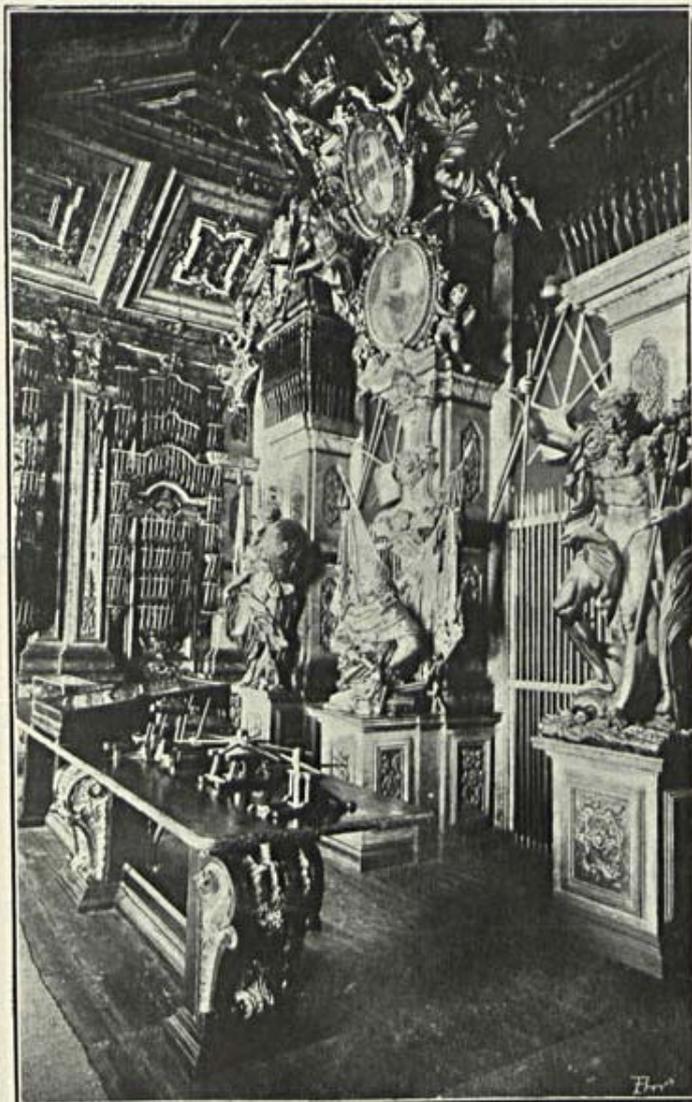
FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE SETEMBRO DE 1913

N.º 351

Assumptos militares



Uma das salas do Museu de Artilharia

(Phot. de A. C. Lima)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de setembro de 1913

«Se fossem portugueses de lei, afóra algumas duzias d'elles, que deviam continuar monarchicos, guardando lealmente vassalagem ao rei deposto, porque isso lhe era determinado pelos seus compromissos antigos, — elles deviam ter-se integrado no novo regime, servindo-o e respeitando-o. Não lhes ficava mal. Era, até, uma magnifica acção que praticavam, visto que não lhes pesava nenhuma especie de obrigação moral de morrerem amarrados ao passado, que muitos d'elles nem sequer serviram, quanto mais defenderam.

Ninguém lhes impunha que fossem para este partido ou para aquelle; apenas se lhes pedia que viessem para dentro da Republica. Ninguém lhes decretava fórmulas ou cláusulas, ninguém lhes talhava o molde da bandeira, porque apenas se lhes reclamava que ella fosse verde e encarnada.»

(Trecho de um artigo do sr. dr. Antonio José de Almeida.)

Foi infeliz n'este seu artigo o sr. dr. Antonio José de Almeida. Da sua intelligencia, da sua alta situação politica e até mesmo da sua sentimentalidade, havia o direito de esperar muito mais e melhor.

Dos periodos acima deprehende-se que o antigo ministro do Governo Provisorio não accieita que portuguezes de lei sejam monarchicos a não ser aquelles que de alguma forma tivessem servido a monarchia ou com ella tivessem quaesquer compromissos.

Em primeiro logar ha aqui um erro. Servir propriamente este ou aquelle regimen é cousa que só em determinadas situações acontece e algumas vezes em circumstancias bem deprimentes e odiosas como são, por exemplo, as do espião, as do denunciante a soldo da policia. O que todos procuramos ou devemos procurar servir é a patria, é a nação onde todos nascemos e da qual todos somos filhos.

D'esta forma se comprehende que não ha, nem pode haver soldados da monarchia ou soldados da republica, empregados monarchicos ou empregados republicanos, porque não existe o que por ahí vulgarmente se chama *dinheiro da republica* como tambem nunca existiu dinheiro da monarchia. Os serviços do estado são pagos com o dinheiro do povo e a este ninguem pergunta as ideas que tem quando se lhe pedem os tributos a que todo o cidadão é obrigado.

As palavras do chefe evolucionista indicam ou parecem indicar que elle só comprehende, ou só tolera, os monarchicos por interesse ou por gratidão, levando-o o seu fanatismo politico a negar a qualidade de portuguezes de lei a todos aquelles que, não estando n'estas condições, não se integraram no novo regimen.

Está em erro o sr. dr. Antonio José de Almeida e, para ter a prova de que assim é, basta-lhe reparar que nas Penitenciarias do paiz, condemnados como conspiradores, estão muitos portuguezes de boa tempera que nunca deveram o minimo favor á realza.

O portuguez de lei é patriota e como tal se afirma amando as tradições politicas e religiosas da sua terra. Ora, em Portugal, o que é tradicional é a monarchia e não a republica. Esta tem trez annos de existencia, aquella governou o paiz durante sete seculos.

O portuguez de lei que é monarchico, não vê a monarchia atravez dos seus erros, que foram poucos relativamente e que, diga-se a verdade, só começaram quando a monarchia quiz ser *avançada*, mas sim atravez dos dias gloriosos que deu á patria portugueza, que foram quasi tantos como as paginas da nossa historia.

O portuguez de lei que é monarchico, ama a sua religião, ama os dias festivos da sua terra, gosta das suas procissões, de-leita-se a ouvir os sinos da sua aldeia e não comprehende e só á força tolera que de repente lhe tirassem tudo isso, a titulo de não offender as crenças d'este ou de não molestar os ouvidos d'aquelle, não comprehende nem pode *sentir* que o catholicismo, que em tempos lhe ensinaram ser a base de toda a moral, a lei basilar das familias e das sociedades, passasse assim, *de repente*, a constituir materia prohibida nas escolas, incorrendo em graves riscos o professor que tente violar ou sophismar essa prohibição.

O portuguez de lei que é monarchico, não vê no rei um prejuizo para a nação, nem um inimigo da patria; pelo contrario, encara-o como o mais alto representante do paiz, o maior defensor das suas tradições, aquelle a quem mais interessa a integridade do territorio nacional.

O portuguez de lei que é monarchico, sabe conhecer as van-

tagens do regimen que defende, quando bem executado, e differença-las dos actos maus de alguns reis e dos ainda peores de certos conselheiros, collocando assim os principios acima das pes-soas.

E não se admire d'isto o sr. dr. Antonio José de Almeida nem veja uma subtileza n'este modo de dizer. São do seu artigo as seguintes palavras, que significam o seu pleno accordo com o que acima fica dito:

«Queixam-se da tirania demagogica, da lei da separação, das perseguições, dos desvarios governativos, dos embustes financeiros e da intranquilidade em que se debate, uivando de dór ou contorcendo-se de espasmo, a sociedade portuguesa.

Mas isso não é obra da Republica, é obra do sr. Afonso Costa e dos seus carbonarios, é obra dos radicaes e jacobinos.»

Portanto, tambem o chefe evolucionista reconhece que a republica é uma cousa e os homens são outra, que os principios podem ser bons e os homens maus. E, no entanto, o antigo ministro do interior, que assim se exprime, sabe de certo que no começo dos regimens e em epocas revolucionarias como aquella que ainda vamos atravessando, é muito difficil separar os homens dos principios, muito principalmente quando esses homens são da envergadura do sr. dr. Afonso Costa, que foi quem fez, quem confeccionou as principaes leis sobre as quaes assenta e se desenvolve o regimen actual, quem, emfim, imprimiu caracter á republica proclamada em 5 de Outubro.

Não se admire pois o sr. dr. Antonio José de Almeida nem ponha em duvida a existencia de portuguezes de lei que são monarchicos.

Ha portuguezes de lei tanto no campo realista como no campo republicano. N'um e no outro póde haver e ha gente sincera que entranhadamente quer a esta bella terra portugueza, patriotas que amam com entusiasmo o seu paiz. E' que o amor manifesta-se por diferentes maneiras e o chefe evolucionista que é um impulsivo e, portanto, um homem de coração, deve comprehender isto perfeitamente.

Não queira, pois, mal áquelles portuguezes que são monarchicos, muito embora, segundo a sua expressão, *não tenham nenhuma obrigação moral de morrerem amarrados ao passado*.

A obrigação é uma cousa e o sentimento é outra, e não são aquelles que deviam ser monarchicos por obrigação os que mais dignamente se teem afirmado. Pense bem o sr. dr. Antonio José de Almeida e reconhecerá que á propria republica podem ser mais uteis e menos prejudiciaes os bons monarchicos do que os maus republicanos. E' que uns são patriotas e os outros não são nada. Foram os maus monarchicos e não os bons republicanos quem fez baquear a monarchia constitucional.

Ao terminar, não quero deixar de me referir ainda a umas palavras do artigo que serve de base a estas notas. Diz o chefe do evolucionismo, referindo-se aos monarchicos, que elle entende que deviam adherir á republica, que «ninguem lhes talhava o molde da bandeira, porque apenas se lhes reclamava que ella fosse verde e encarnada.»

Ora valha-nos Nossa Senhora! Pois então não sabe o sr. dr. Antonio José de Almeida que as côres da bandeira é que foram a causa primaria de todos os desasocegos, pois nem ao menos tiveram a seu favor a unanimidade de opiniões dos principaes vultos republicanos?

J. NUNES DE FREITAS.

Noite de nupcias

Sorriem de prazer,
As proprias estrellas;
Ao vêr almas tão bellas,
O amor entretecer. . .

.....
.....
.....

... E a fresca madrugada,
Corando ao sol nascente...
Reclina-se indolente,
Na luz d'essa alvorada...

Os nossos artistas



Wenceslau de Moraes

ENCARREGADA pelo *Brasil-Portugal* de estudar, quanto possível, a curiosa personalidade de Wenceslau de Moraes, fui entrevistar o notavel medico naval Dr. Sebastião Peres Rodrigues, cuja fraternal amizade com o conhecido escriptor me devia, decerto, fornecer importante material para o meu trabalho. E assim foi. Posso dizer, sem receio de exaggero, que conheço hoje bem o nosso interessante compatriota, que o Japão captivou a ponto de o preferir á patria. D'um genio irrequieto e aventureiro, como todo o bom portuguez, seduziu-o sempre a ideia de viajar e, naturalmente, escolheu a carreira maritima por ser aquella que melhor se coadunava ás aspirações da sua alma de artista.

Os que conheceram Wenceslau de Moraes nos seus tempos de rapaz não formam uma ideia do que elle é hoje, amadurecido pela vida, pela experiencia que ella dá, e pelo aturado estudo a que o seu espirito, curiosamente analytic, sempre se entregou com prazer.

Espontaneamente escriptor e poeta, a litteratura empolgou-o desde sempre com a fôrça que tõem as verdadeiras vocações.

Quando moço, apesar das suas multiplas occupações, não resistiu a mandar os seus trabalhos poeticos para o *Correio da Manhã*, que encetou então uma secção onde se publicavam todas as produções dos poetas que não queriam subordinar-se a regras:—os anarchistas da poesia.

Mas Pinheiro Chagas, lendo-as, disse — «Oh! este merece outro

logar». E, de facto, os seus sonetos foram insertos em sitio mais evidente e com as referencias que de justiça lhe cabiam.

O Dr. Peres Rodrigues, quasi irmão de Wenceslau de Moraes pelo terno affecto que lhe consagra, fez com elle a viagem para Moçambique, em 1886, a bordo da canhoneira *Douro*, viagem que teve como desfecho a campanha do Tungue.

As varias peripecias d'esta expedição, a afinidade dos caracte-



No Japão — O consulado portuguez em Kobe

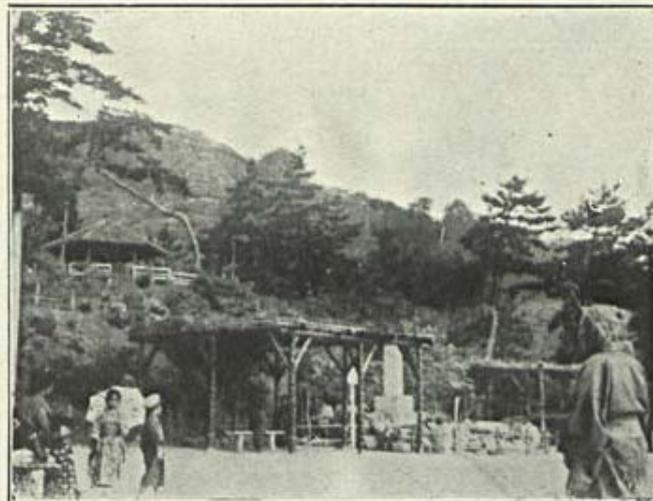
res e gostos, tudo isso serviu para estreitar a amizade entre esses dois rapazes de carreiras diferentes, mas de equal coração, e as confidencias trocadas, os projectos de futuro, feitos a tanta distancia da terra que os viu nascer, arreigaram-lhes fortemente na alma a estima reciproca que a longa ausencia não vence nem arrefece.

O Dr. Peres Rodrigues tem uma real e sentida admiração pelo amigo, e falla do ausente com um tal desvanecimento que o torna altamente sympathico ao interlocutor.

Adivinha-se immediatamente n'elle, além d'uma alma de subido quilate, um espirito superior e lucidissimo.

Durante a longa permanencia que n'essa viagem a canhoneira teve na Bahia do Tungue, á hora da vazante, ficavam a descoberto grandes baixos, cuja superficie estava coalhada de todo o genero de animalculos

curiosos, algas marinhas, conchas, madreporas, e todas as mil riquezas que a fauna e a flora maritimas prodigalisaram n'aquella abençoada região, a qual a cada passo arranca ao naturalista exclamações de entusiasmo



No Japão — O parque Suwayama em Kobe

tive, escreveu para a metropole, dizendo: «Vejam se conseguem que se pague a este homem que nós aqui quasi adoramos. Elle é

por encontrar exemplares raros, cuja variadissima polycromia excede a expectativa e encanta o captivado olhar.

Wenceslau de Moraes é um naturalista distincto, tendo chegado a possuir optimas collecções de exemplares raros pelos quaes sente uma decidida predilecção. Assim, á hora da vazante, elle e o Dr. Peres Rodrigues, em trajos quanto possivel ligeiros, dirigiam-se n'uma canôa a esses baixos, e, sob a ardencia do sol tropical, passavam momentos de aprazivel deslumbramento na pesquisa de objectos que Wenceslau de Moraes classificava sem hesitação. Eram as melhores horas dos seus dias, horas que ainda hoje não evocam sem saudade e a que a distancia, que todos os dias augmenta, vem, se é possivel, encarecer o encanto.

Wenceslau de Moraes esteve longo tempo em Macau. Depois foi a Timor, que muito lhe agradou, e tinha o sentimento de que, quanto mais caminhasse para leste, maior seria o seu agrado, mais completa a identificação da sua personalidade com a natureza. O Oriente, o Ex-



No Japão — O estreito de Maiko no Mar Interior

trema-Oriente, era o seu sonho, sonho que elle não desistia de tornar realidade. muito orgulhoso para pedir alguma cousa, e, se o não fizerem por elle, acabará por morrer á fome » Sabendo isto, o Dr. Peres Rodrigues, que tem assento no Senado, levantou alli a questão e deu ensejo a que muitas phrases de louvor fóssem ditas ácerca do ausente, não só como litterato, mas como empregado zelosissimo dos interesses nacionaes. Ficou resolvido que se lhe pagasse pelo Ministerio dos Estrangeiros e o sr. Augusto de Vasconcellos entendeu dever propôr que elle fósse nomeado consul geral para Tokio.

Isto, que para qualquer outra pessoa seria motivo de jubilo, foi para Wenceslau de Moraes, que não tem ambições, profundamente desagradavel. Teria de sahir de Osaka, de se entregar á vida mundana, de transtornar todos os seus habitos. Por este ultimo motivo já elle se empenhara em não ser promovido a capitão de mar e guerra. O seu maior desejo é não ter nunca de se exhibir.

E' evidente que Wenceslau de Moraes é um nevrotico, uma alma doente, um coração povoado das immensas tristezas da poesia, das eternas anciedades do infinito, d'um desejo vivissimo de tranquillidade e paz, d'essa paz tão almejada na terra e que talvez nem no sepulchro se encontre, mas que, se existe, decerto é além d'elle. A existencia, para as almas naturalmente inquietas, para as quaes a vida interna é o grande, o primordial assumpto, é frequentemente um fardo pe-



No Japão — O castello de Hikone em Omi

Estava escripto: foi mandado ao Japão para, se me não falha a memoria, adquirir artilharia para Timor. Entretanto alguem ambicionou e obteve o seu logar em Macau, e elle, sem collocação, teria de recolher á metropole. Quiz porém o acaso que se tornasse possivel a sua permanencia no imperio do Sol Nascente, onde Portugal não tinha consulado, desempenhando as funcções d'aquelle cargo, visto que o nosso paiz já então possuia alli bastantes interesses que se tornava conveniente zelar. Ficou então Wenceslau de Moraes prestando serviço no Ministerio dos Estrangeiros, mas recebendo os seus vencimentos pelo Ministerio da Marinha e Ultramar. Com o advento da Republica foi este ultimo ministerio desdobrado no da Marinha e no das Colonias, e esse desdobramento fez com que lhe suspendessem os vencimentos.

Wenceslau de Moraes não reclamou, mas um japonez cujo nome não re-



No Japão — Um templo em Yamaçaki

sadissimo ao qual, por mais que se mude de logar, não ha que fugir. Ambiciona-se a morte a todo o instante e a todo o instante parece que ella vai chegar. Os nervos, doentes, sobrecitados sempre, deixam apparentar uma saude que de facto não existe, nem physica nem moralmente, mas que illude os outros, reservando ao padecente as cruezas da realidade, dando-lhe uma percepção das cousas que os outros não têm, uma quasi videncia dos corações alheios que, por seu mal, o desintereza do mundo á força de vêr o que o magôa e o fere.

Deseja então fugir, não importa para onde, tudo, menos conviver com o mundo, porque se sente incompativel com elle e a morte é a sorridente e unica esperança sempre almejada e que só muito tarde chega, depois de se exgotar a ultima gotta d'esse soffrimento incomparavel. E' este, ha longos annos, o estado de espirito de Wenceslau de Moraes. Deixou affeições em Macau, mas, se o seu coração não consegue nunca desinteressar-se dos affectos que uma vez sentiu, seja em Portugal, na China, ou no Japão, certo é que d'isso mesmo lhe deriva uma fonte de perpetua tortura.

Houve muito quem quizesse vêr, na renuncia de Wenceslau de Moraes aos cargos publicos, uma demonstração de antipathia á Republica. Não. Elle não pensou mesmo em que ella existia. Quando foi proclamada, acceitou-a, como muita gente, com o entusiasmo de quem vê uma possibilidade de restauração sã para o organismo da nação, extremamente depauperado; mas a breve tre-

cho começou a descrever da obra que julgara possivel e, a distancia, livre das influencias do meio, pensava assim:

«A nação portugueza caminha a passos largos para a perdição. Causas: feiço da gente, independentemente de côr politica, tristes atavismos, crassa ignorancia dos cultos, falta de tradições de trabalho, cubiça das grandes potencias; etc.»

Em uma das suas ultimas cartas mostra-se satisfeito por o seu amigo Almeida d'Eça ter conseguido impedir que elle fôsse promovido a capitão de mar e guerra, e lamenta que não tivesse podido evitar-

lhe a nomeação de consul geral. Na carta mais recente afirma estar physica e moralmente su-

nada. Tranquilidade e paz são todas as suas ambições. Não se acha com animo de abandonar o Japão, onde tanto viveu, sentiu e soffreu. Não quer ser nada. Vai viver para a provincia em casa d'uma velha familia japoneza.

Não se queixa, não diz mal de ninguém nem de cousa alguma: *diç apenas mal do seu destino, ou antes do seu temperamento, incompativel com o mundo.*

Os termos em que pede a sua demissão não querem dizer senão isto:

«Não tentem de forma alguma demover-me porque a minha resolução é inabalavel.»

E' a eterna ancia de encontrar a satisfação moral na paz, unica esperança que tenazmente se arrega no coração dos desilludidos e que infelizmente, na maioria dos casos, é uma illusão tambem. Fazamos comtudo votos para que elle encontre essa paz de que é tão digno, que tantos e tantos desdenham na terra, enfeitando-a por sensaborona, e raros alcançam, porque é certo que quanto mais restricta e simples é a ambição unica d'uma criatura, mais o acaso ou a fatalidade a tornam inacessivel.

A obra de Wenceslau de Moraes é valiosa. Consta, além de varios esparsos, do *Dai-Nippon* (o grande Japão) a sua melhor obra, publicada pela Sociedade de Geographia por occasião das festas do quarto centenário da India, *A vida Japoneza*, tres grossos volumes que colleccionam as cartas por elle enviadas ao *Commercio do Porto, Paizagens Japonezas, Traços do Extremo-*

Oriente, editados pela Parceria Antonio Maria Pereira e *O Culto do Chá*, um mimo verdadeiramente japonez que o auctor illustrou á japoneza e no Japão foi impresso graciosissimamente.

Este encantador livrinho, como o titulo annuncia, conta a graciosa lenda da origem do chá em que Darumá, o grande apostolo do Budhismo, indignado por ter cedido no somno, corta as palpebras, que não souberam resistir ao cansaço e lança-as com desdem



Os casamentos no Japão — Primeiro encontro dos noivos
A esquerda o pae da noiva, no centro o noivo bebendo tranquillamente o «saké», à direita o casamenteiro. Os noivos só se miram às furtadelas



Os casamentos no Japão. — Chegada da noiva á casa nupcial



Os casamentos no Japão — Antes da cerimonia
A noiva cobre a cabeça com uma mitra que lhe é posta pela sogra

ao chão. Ellas prenderam raizes ao solo e foi assim que cresceu o gentil arbusto do chá. Em toda a obra de Wenceslau de Moraes ha um grande vigor de colorido.

Com a mania que ha de afrancezar tudo, chamam-lhe o *Loti portuguez*. O Dr. Peres Rodrigues demonstrou, n'um artigo que em tempo escreveu acerca do *Dai-Nippon* que Loti, entregando-se á imaginação, se affasta muita vez da verdade, enquanto que Wenceslau de Moraes é d'uma exacção rigorosissima. Alguem de subido valor, e cuja opinião muito prezo, fazendo-lhe um amigo a observação de que Wenceslau de Moraes era igual a Loti, respondeu-lhe n'um impeto de irremprimivel orgulho nacional:



Os casamentos no Japão — Cerimonia simples e rapida
O deus dos japonezes abençoou a união; nasceu mais um subdito do Mikado e um escrivão regista o feliz successo

POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXIV

AMOR QUE MATA

ERA um dia quente de setembro; o ar pesado e triste ameaçava trovoadas, n'um acastellar de nuvens pardacentas, que cobriam o azul do espaço.

Christina tinha-se levantado cedo, morena e pallida, na sua bata de xadrezinho claro.

«Era necessario terminar aquella situação, saber onde elle estava — dizia ella — e passeava agitada, tremula, com as faces contrahidas n'um esforço para não chorar. Havia tres dias já que Carlos não apparecia. Que de angustias e soffrimentos passados durante aquelle tempo!

«Não, hoje havia de saber d'elle; esquadrinhar bem todos os

— Não; é diferente, muito diferente, além de ser portuguez.

Applaudo a intenção da resposta e, se na sua afadigada vida este artigo tiver a sorte de ser lido por elle, verá que faço minhas as suas palavras com identico sentir.

Mas, como já disse, é o *Dai Nippon*, offerecido ao Dr. Peres Rodrigues, a sua melhor obra, aquella que, por todos os motivos, está mais do que as outras destinada a perpetuar-lhe o nome.

D'elle disse Souza Monteiro, que não costumava ser prodigo em louvores, nem nunca guiou a sua penna senão na senda da justiça, pois achava fortemente offensiva a hyperbole, quasi peor do que a injuria:

«E' impressionista por modestia de alma, a nobre e reconfortante modestia dos que valem. Não tentou fazer mais porque mais não suppoz poder fazer, do que registrar as impressões primeiras do seu fino espirito. Não é impressionista por fatalidade de indole, que é para mais; nem por força de proposito que não fez».

E mais adiante:

«Quem sente e traça algumas das paginas que vão ler-se só por ellas pode e deve ser apresentado».

Depois das breves citações que faço e das quaes só bem conhece o valor os que privaram com Sousa Monteiro, nada mais tenho a accrescentar senão que o desejo de não ser nada não ponha um ponto final na publicação dos seus escriptos de tanto relevo e valor.

MARIA O'NEIL.

cantos, indagar... Mas como? Onde procural'o? Em casa, não não podia ser. Carlos sempre lhe pedira que nunca o procurasse lá, por causa do papá, um rispido. Podia fazel'o aborrecer, fugir-lhe...» E a esta ideia, pelas faces de Christina rolaram duas lagrimas. Se ella o amava tanto, como a ninguem!

Como nunca tinha amado!

«E porque não havia elle de voltar? Talvez um negocio, emfim, qualquer impedimento... Mas devia tel'a avisado. Havia de ralhar, ralhar mesmo muito. Não era coisa que se fizesse á sua *Criste*. E se lhe tivesse succedido algum desastre? Credo! Que tolice! Tambem estava exagerando. Até ao meio dia ainda esperava...»

E sentando-se á beira do leito, olhando o desalinho das roupas, Christina invocou n'um extase a sua felicidade passada.

Via ali a imagem d'elle, deitado sobre a sua almofadinha fôfa de *sumauma*, muito junto a ella, n'uma ventura.

Pela mente, passou-lhe então, n'um turbilhão de ideias, todo aquelle amor por Carlos. Como ella se lembrava bem ainda da primeira vez que o vira, de quando se fallaram, do que disseram; e já lá iam dois annos... Ella descia o Chiado e Carlos estava

à esquina, em baixo. Seguiu-a. No dia seguinte mandou-lhe uma carta: «... que a conhecia ha muito e lhe inspirava uma grande sympathia...» e pedia para lhe dizer o sitio e a hora onde lhe pudesse fallar. Assignou Carlos C. Christina não respondeu. Elle insistiu: «... que o desculpasse, mas amava-a como um doido.»

Christina reparou então bem em Carlos; a sua voz bem timbrada e o seu olhar firme e meigo envolveram-n'a n'uma attracção.

Amou-o na visão phantastica do seu ideal; e d'aquelle segundo andar fizera o seu paraizo n'um ninho de conforto simples.

Tinha dado meio-dia no pequeno relógio da casa do jantar. A Conceição, ralada na cozinha, porque o almoço esfriava, resolveu ir bater á porta do quarto.

Christina parecia despertar d'um sonho: «quê, já era meio-dia!? e Carlos sem vir!

Com certeza tinha havido qualquer coisa, nunca fizera isto. Tres dias...!» — e tirou do guarda fato o seu vestido bêje. Estava resolvida: iria procurar o Matheus ao escriptorio. Era intimo do Carlos, havia de saber d'elle.

A Conceição lamuriava que estava tudo frio «mesmo já sem graça nenhuma».

Christina, n'uma garfada, de pé, resumiu o almoço, recomendando muito á Conceição que se o sr. Carlos viesse a esperasse, que se não fosse; ella não se demorava e depois lhe contaria: «mas que espere, que se não vá, percebe bem, Conceição?»

Bateram á porta. O coração de Christina pulsou com violencia: era o bater d'elle, conhecia-o.

E sorrindo á ideia d'uma partidinha gaiata, disse baixo: «diga que eu não estou, que sahi de manhã, a vêr o que elle diz» — e correu a esconder-se ao fundo do corredor.

A Conceição abriu:

— E' o homem da agua, minha senhora.

— Estupido, disse Christina, e a pallidez venceu-lhe de novo o rosto no desengano d'uma illusão perdida.

A chuva caía miudinha, n'uma molleza pezada. Christina nem a sentia. O seu olhar fixava-se em todas as pessoas que lhe pareciam Carlos; e chegou a correr a uma esquina vendo um vulto que se lhe afigurava ser elle.

Chegára ao escriptorio de Matheus; não estava. Esperou.

A's cinco horas o servente começou a fechar as portas: «não espere mais, que elle já não vem com certeza a esta hora». Christina pediu-lhe que desse no dia seguinte, logo que o sr. Matheus chegasse, aquelle bilhete; e escreveu n'uma tira de papel: «Peço-lhe me dê noticias do Carlos, assim que este receba. Estou com immenso cuidado. Nada sei d'elle ha tres dias» — e assignou. Metteu dois tostões na mão do servente, recomendando muito: «logo que o sr. Matheus chegue, não se esqueça» — e desceu.

O homemzinho sorriu, n'um ar superior de entendimento, e rosnou: «apezar de *magrota* é de estalo; o maganão tem gosto» — e deu um estalo com a lingua avinhada.

Christina chegou a casa cheia de esperanças; talvez elle já lá fosse.

Não tinha ido ninguem, a não ser um sujeito gordo a perguntar se morava ali o dr. Felix. E a Conceição acrescentou: «e agora vamos ao jantarsinho enquanto está quente».

Christina tinha febre. Nada, no dia seguinte nem esperava a resposta do Matheus; iria a casa do Carlos. Perguntava ao porteiro, ou mandaria um gallego dizendo ser d'um amigo que o esperava. Emfim, um pretexto qualquer.

Assim não podia ser; que horror! Estaria elle doente?

A noite pareceu-lhe um seculo, e ainda não tinham dado nove horas já Christina descia a escada, tremula e resoluta.

Seguia absorta, alheia a tudo, concentrada na sua ideia, fixa no seu fim.

Um rapazola imberbe e escolar que se dirigia apressado para as aulas, chamou-lhe «linda» e um gordo segundo official, de passo cadenciado e guarda-chuva em riste, grunhiu n'um suspiro: «*nympha bella*». Christina não ouvia nada.

A casa onde Carlos morava, ali ao Caldas, estava na tranquillidade placida de um predio de luxo, com os seus amarellos muito brilhantes e as plantas, em baixo, na rua, a refrescarem.

Christina espreitou a medo,

O porteiro não estava. Olhou anciosa as janellas: tudo fe-

chado, com os seus «brise-brise» muito rendados e transparentes.

Ainda era cedo para mandar o moço.

N'uma torre proxima repicava o sino para a missa. Apoderouse de Christina um fervor religioso pela sua Senhora das Dores. «E se ella fizesse uma promessa para que o seu Carlos estivesse bom e á noite voltasse ao conchegosinho do seu segundo andar?»

Já uma vez a Senhora a tinha attendido quando ella teve a dôr de dentes!... E começou a caminhar para a Magdalena. Tinha fé que depois havia de ter boas novas de Carlos.

A' porta da Igreja seis trens parados annunciavam bóda.

Christina subiu a escadaria.

O guarda vento abriu-se e um bando de pobres, grunhindo, acotovellava-se na escolha d'um logar. Começou a sahir gente. Christina teve que parar. Sorriu; sempre gostava muito de vêr casamentos.

— Lá veem elles! Lá veem elles! — berrava uma mulher esgrouviada avistando os noivos. O cortejo avançava.

Ella com as faces d'um vermelho roseo de febre de commoção; elle pallido, sorrindo.

O orgão, em cima, tocava uma melodia suave de Chopin, e no altar, ao fundo, as luzes tremulas allumiavam no destaque escuro um Christo chagado.

Christina inclinou-se para vêr os noivos e os olhos esgazearam-se-lhe como querendo saltar das faces lividas. Crispou as mãos d'encontro ao peito e n'um som rouco, quasi imperceptivel, murmurou:

— E' o Carlos!... não!... E' elle, meu Deus!

N'um esforço supremo agarrou-se ao portão.

— Carlos! O' Carl!...

O fechar das portinholas e a lamuria dos pedintes abafou-lhe a voz. Christina arrostou-se pela escadaria. Uma chuva mais forte cahia, e um grupo em baixo comentava: «Ella não é feia e dizem que tem milho. O *lunch* é em casa dos paes e depois vão para Cintra» — e sorriam n'uma apreciação velhaca.

A ultima carruagem rodou e a cabeça de Matheus appareceu á portinhola espreitando.

— O' diabo, aquella é a Christina! Não teria ella recebido a carta?...

Christina quiz andar; não poude. As pernas vergavam-lhe e, n'um tremor de frio convulso, rolou pela calçada como uma massa inerte.

Juntou-se gente.

— Se calhar, exclamava uma vendedeira gorda e suada, o typo devia-lhe alguma coisa — e ajudou a metter o corpo hirto de Christina dentro d'uma tipoia de praça, onde na almofada um policia macillento e esguiu mandou rodar.

Oito dias depois, do hospital sahia um cortejo simples de fúnebre aparato.

Dentro d'um coupé o Matheus bocejava, com uma corôa, entre os joelhos, de violetas, com larga fita preta onde se lia: «Recordação do Carlos C.»

Junto á campa raza de Christina, a Conceição chorou dois domingos seguidos; e n'um outomno pezado e triste, Carlos foi ali n'um desabafo intimo, derramar lagrimas de saudade e remorso, pelo passado longiquo — pelo unico amor sincero que conhecera.

CRISPIM.

ODIO E AMOR

Odio e Amôr. Eis as duas sentinelas
Da minha vida. Quando, outr'ora, eu tive
A alma povoada de illusões singelas,
Morre! — dizia-me a primeira dellas;
Mas a segunda me dizia: Vive!

Hoje estão ambas mudas, Ah! Se um dia,
Não me corresse as veias, como corre,
Sangue honrado, mas lama e cobardia:
Vive! — o Odio então com jubilo diria;
E o Amor a soluçar diria: — Morre!

RAIMUNDO CORRÊA.

A Família Real Portuguesa ha quarenta e cinco annos, vindo-se ao centro a Senhora Infanta D. Antonia, avó da noiva do Senhor D. Manuel



Da esquerda para a direita: A Rainha D. Estephania — El-Rei D. Pedro V — El-Rei D. Luiz I (sentado daqum do Porto) — A Senhora Infanta D. Antonia, que mais tarde casou com o principe Leopoldo de Hohenzollern sendo, portanto, avó da Princesa Victoria de Hohenzollern, noiva do Senhor D. Manuel — El-Rei D. Fernando — A Senhora Infanta D. Maria Anna — Os Infantes D. Fernando, D. Augusto e D. João

Egreja da Encarnação

ESTÁ em fóco, como tem estado sempre nos periodos conturbados da vida religiosa, a Egreja da Encarnação.

No penultimo quartel do seculo XIX occupou o pulpito d'este central templo o famoso Padre Carlos Rademaker, o mais illustre orador e fino diplomata que a Companhia de Jesus teve em Portugal nos ultimos tempos. A's conferencias do douto orador assistiam quantos tinham um nome distincto na sciencia, na politica e no jornalismo. Succedeu ao Padre Rademaker o Padre Catani que, sem o talento nem o brilho da forma do antecessor, não obstante a sua valia intellectual, apenas conseguiu ter em volta do seu pulpito os elementos de comprovada piedade catholica. Este anno, sacerdotes seculares, tendo á frente o illustradissimo parochio d'aquella freguezia, conseguiram n'uma serie de modernas conferencias, sobre assumptos palpitantes, congregar n'aquelle amplo templo, a fina flôr da sociedade portugueza. Vem pois muito a proposito dizer da historia d'esta Egreja.

Não é de hontem; pensam sobre a parochia da Encarnação quasi quatro seculos, pois a sua erecção data de 1551, embora sem sede propria, vivendo como hospeda na Egreja do Loreto. Annos depois, para evitar litigios inevitaveis e successivos com os italianos, sempre ciosos das suas prerogativas, pensou-se em fixar a parochia em templo proprio, até que o incendio da Egreja dos Italianos impoz a sahida para a capella da Senhora do Alecrim, existente na rua que ind'agora conserva a antiga denominação.

Acanhada e impropria era a installação na exigua ermida, e reconstruida a Egreja do Loreto para lá voltou, não sem desgosto, a sede da parochia. Então o conflicto latente desencadeou-se, pois os Italianos arrogavam-se o direito do padroado. Lá voltou a parochia a mendigar á pequenina capella o necessario abrigo.

Foi então que uma fidalga piedosa e illustre se condeou da situação. Foi a Condessa de Pontevel D. Elvira Maria de Vilhena, filha de D. João de Sousa da Sylveira e de D. Archangela Maria de Vilhena; senhora illustrada, tinha acompanhado a rainha D. Catharina de Bragança a Inglaterra, na qualidade de dama da mesma Augusta Senhora e casou com D. Nuno da Cunha e Athayde, de quem enviuvou em 27 de fevereiro de 1698.

Foi esta Condessa de Pontevel quem representou á Corôa que a installação da Parochia na ermida era impropria e inconveniente, não bastando para a sepultura dos parochianos, nem tendo espaço sufficiente para que os freguezes se reunissem nos actos do culto, mormente nos quadragesimae; e que sendo impossivel ampliar a

ermida, que aliás era propriedade particular do desembargador José de Sousa Castel Branco, ella Condessa se propunha a supprir a falta, promptificando-se a construir a expensas suas novo templo, sobre chão que era pertença sua, e que ficava contiguo ao muro da cidade.

Obtidas do Rei e do Senado da Camara as competentes auctorisções, em 4 de junho de 1698, o venerando Cardeal D. Luiz de Souza, Arcebispo de Lisboa, lançava a primeira pedra do templo que veiu a ficar concluido em 6 de setembro de 1708.

Foi sumptuosa a festa de inauguração do templo e opulenta a procissão com que se trasladou o Santissimo Sacramento da capella do Alecrim (que ficava onde está hoje o portão do palacio do sr. conselheiro Carvalho Monteiro) para o novo templo. Não admira que tudo fosse realizado com brilhante e magestosa imponencia.

A indole da epocha, o prestigio da fundadora, a fé intensa do povo, tudo justificava o apparatus de que dão conta as relações escriptas no tempo, mas a isto junte-se o desejo de mostrar aos visinhos que dispensavam d'uma vez a sua hospedagem.

As vaidades e caprichos humanos!

Dezoito annos sobreviveu a Condessa Fundadora.

Era o templo sumptuoso, tinha quatro capellas por banda, duas collateraes e no topo a capella-mór, com opulenta tribuna. Tinha tres portas, uma para o poente, outra para o nascente e a principal para o norte.

A' fundação d'este templo sacrificou-se a porta collossal de Santa Catharina e a contigua muralha da cidade. O ultimo vestigio da porta de Santa Catharina no nosso tempo, era a Travessa, a que actualmente deram ineptamente o nome de Travessa dos Theatros, destruindo para a geração d'agora a derradeira recordação da vetusta muralha da cidade e da sua principal e historica porta!

Na capella-mór foi sepultada a Condessa de Pontevel e seu marido.

Já agora vejamos qual era, antes do terremoto, a area da Parochia, com a designação da epocha. Rua Direita do Loreto, Rua Larga de S. Roque, Ruas das Gaveas, do Norte, dos Calafates, da Atalaya, do Trombeta, da Rosa, do Carvalho, dos Mouros, do Tei-

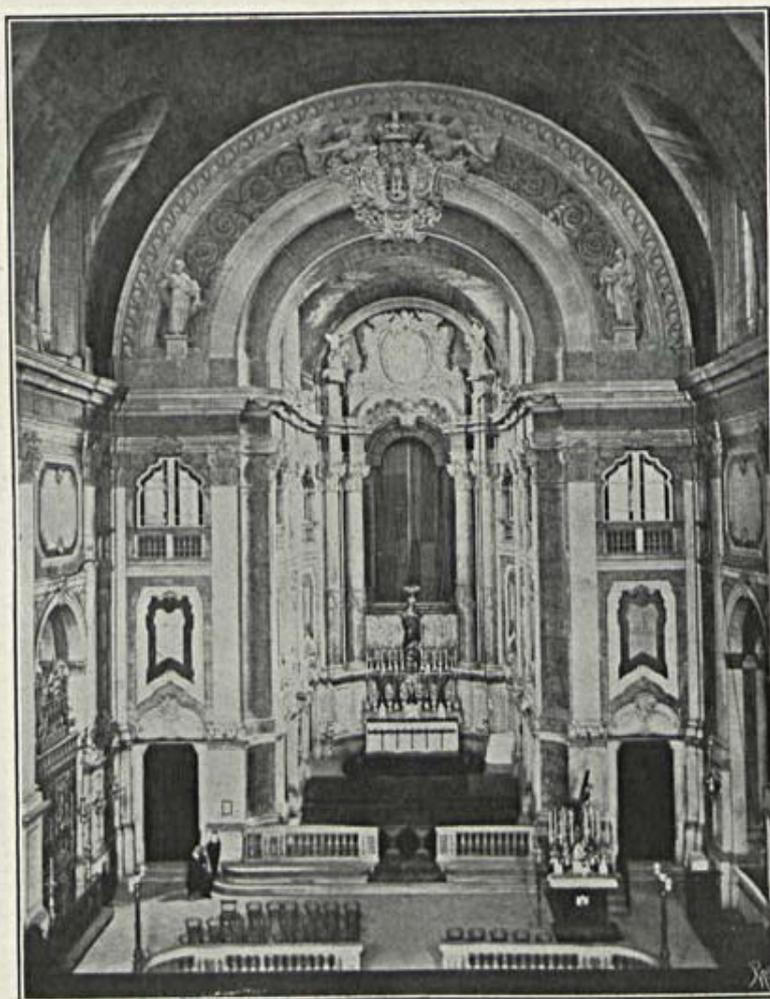
xeira, travessas dos Capuchos, da Boa Hora, de Agua de Flôr, do Relogio, do Poço da Cidade, da Queimada, dos Fieis de Deus, da Espera, das Salgadeiras, da Horta Seca, de Braz da Costa, dos Condes, Rua do Alecrim, Rua das Flôres, Rua da Ametade, Rua das Parreiras, Rua do Hospital das Chagas, Rua das Chagas e Calçadinha das Chagas.

A maior parte das ruas conserva a designação tradicional, historica e secular, emquanto as intelligencias luminosas que ascenderão ou ascendam ás cadeiras da edilidade, não determinem o contrario.

O terremoto causou bastantes estragos na egreja e o fogo abrasou-a por completo, reduzindo a cinzas quanto lá havia de pre-

Egrejas de Lisboa

A egreja da Encarnação



A capella-mór

(Phot. de A. C. Lima)

cioso. A boa vontade da irmandade, proprietária do templo, conseguiu reparar os estragos em 29 annos, se não por completo, pelo menos em condições de poder funcionar decentemente o culto.

Gaspar José Raposo pintou os ornamentos do tecto da capella-

Silva, o Padre Manuel de Souza Caldeira e Maria Barbosa Moraes e Silva instituíram varias capellas, a que impuzeram a obrigação dos capellães acompanharem o Sagrado Viatico, todas ellas dependentes da administração da referida Irmandade do Santissimo. Hoje estão reduzidas apenas a duas.

Na area d'esta parochia está a Igreja de S. Roque, hoje pertença da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, onde se não exerce o culto, apesar de existir ahí uma Irmandade legalmente constituída.

Tambem outra Igreja, e a essa está sinallada uma gloriosa tradição patriótica, na mesma area parochial está privada do culto; é a de S. Pedro de Alcantara, fundada pelo primeiro Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes, em 12 de agosto de 1680, em acção de graças pela victoria brilhante das linhas de Elvas. No adro fez edificar o venerando Cardeal D. Francisco de Alencastre uma capella dedicada aos Santos Martyres portuguezes Verissimo Maximo e Julia, e que pertence hoje a D. José de Lencastre e Tavora, Marquez de Abrantes, como successor do Condado de Villa Nova, donatarios e administradores dos encargos da sobredita capella. E tudo isso vae desaparecendo, e assim se somem na voragem do esquecimento tantas tradições gloriosas e a poetica recordação d'um passado de altissima grandeza.

Mas vamos dizer de S. Pedro de Ancantara.

SANTOS FARINHA.

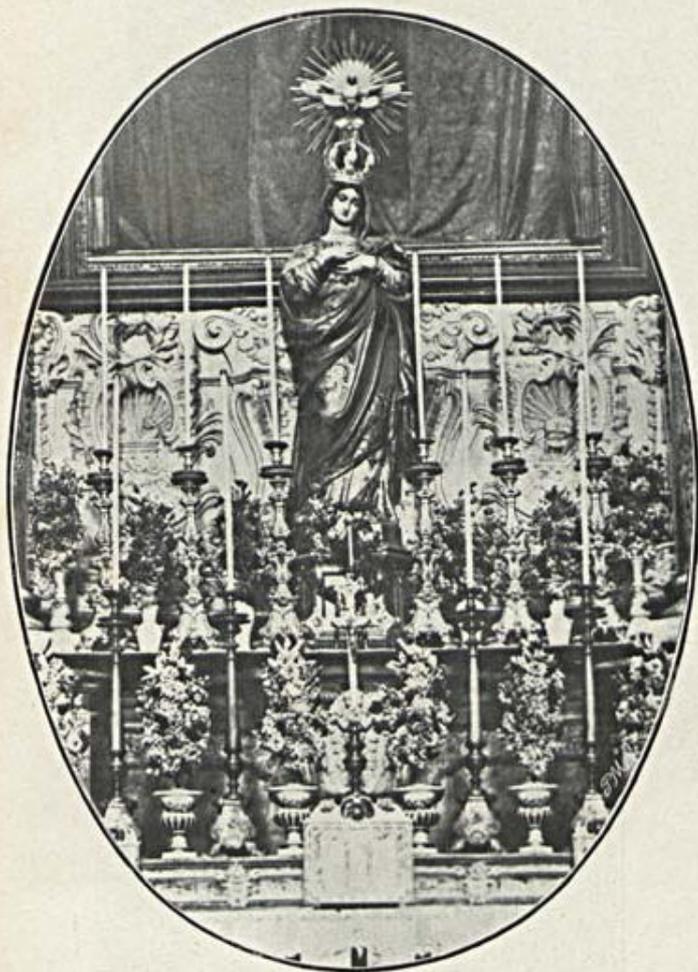
PENSAMENTOS

O coração concilia as cousas contrarias e admite as incompativeis.

LA BRUYERE.

O amigo apaixonado é ordinariamente inimigo inexoravel.

MARQUEZ DE MARICÁ.



A igreja da Encarnação

Imagem de Nossa Senhora da Encarnação esculpida em 1803 por Machado de Castro

mór; Simão Caetano Nunes os de sacristia, que são artisticamente notaveis, com a collaboração de João Thomaz e Francisco de Setubal.

Vem aqui notar que na inclemente hora do terremoto fugiu o parochio para a freguezia de S. Izabel, até que se refugiou provisoriamente para os terrenos das obras do Conde de Tarouca, á Patriarchal, depois chamada Praça do Principe Real e agora do Rio de Janeiro, vindo por fim a passar para a capella de S. Roque no templo d'esta invocação.

De phantasia elegante, de dimensões amplas no interior, a Igreja da Encarnação se não doslumbra pelos seus marmores, nem pelos seus bronzes, nem pelo esquisito da sua architectura que é vulgarmente banal, é comtudo um bom Templo, sendo o trabalho em marmore da capella-mór digno de menção, e a imagem da Senhora da Encarnação, de Machado de Castro, um primor de esculptura. Foi esculpida em 1803, para substituir a primitiva que tendo escapado ao terremoto veio a ser queimada num pequeno incendio em 1802.

A Irmandade tem cuidado esmeradamente do acao e aformoseamento do templo; foi-lhe feita ultimamente, pela iniciativa infatigavel do mezario José Joaquim Barata Correia, um amplo e rico guardavento. No Cruzeiro, do lado da Epistola, foi collocada em altar portatil, uma imagem do Senhor dos Passos; pena é que a urna sobre que assenta o andor e o altar não sejam mais ricos e mais artisticos, condizendo com a restante majestade do templo.

Para a manutenção do culto, a quando da fundação do templo, acudiu a condessa de Pontevel instituindo doze capellarias de coro, sob a administração da Irmandade do Santissimo. João Rebello de Campos e a sua mulher, Luiz Salinas de Oliveira, Estevão e



A igreja da Encarnação

O tumulo da condessa de Pontevel, fundadora do templo

(Phot. de A. C. Lima)



A igreja da Encarnação — Galeria e tecto da capella do Santissimo Sacramento, magnífico trabalho de cantaria



A igreja da Encarnação

O altar de Santo Antonio onde hoje está instituída a devoção do pão de Santo Antonio
(Phot. de A. C. Lima).



A igreja da Encarnação — Altar de Nossa Senhora da Conceição, vendo-se sobre a banqueta uma maquina com a imagem da Senhora de Lourdes oferecida pelo fallecido thesoureiro P.º Fernando Thomaz Brito.

Vasco da Gama

Descobrimto do caminho maritimo para a India

(Conclusão)

Logo foi posto em terra um degredado dos que iam na esquadra para missões em que houvesse inglorio risco de vida. Alguns dos indios que se accumulavam na praia a contemplar os estranhos navios, não o perceberam, mas levaram-no a casa de um mouro que, tendo residido muito tempo no norte de Africa, conhecia algumas linguas europeias. O moiro comprehendeu com effeito o degredado, mas começou por mandal-o para o diabo. Este mouro foi, porém, depois, um fidelissimo, um lealissimo amigo dos portuguezes e por esse facto teve até de retirar para Lisboa para escapar á vingança dos seus. Chamava-se Ben Said. Tendo vindo a bordo com o degredado, Vasco da Gama encarregou-o, fazendo-o acompanhar de alguns portuguezes, de pedir uma audiencia ao Samori de Calicut, o qual, acolhendo bem o pedido, logo enviou ao capitão mór um piloto para levar os navios para Pandarane, porto mais seguro. Vasco da Gama, sempre prudente, não foi, porém, tanto para o interior do porto como queria o piloto, e bem avisado andou. No dia 27 de maio foram os nossos recebidos com toda a solemnidade pelo Samori, no meio d'um enorme concurso de povo, mas a pobreza dos seus vestuarios, em contraste com as sedas e pedrarias rutilantes dos que vestia a córte do Rajah e o pequeno valor relativo dos presentes enviados por D. Manoel, fizeram no espirito dos indios uma impressão muito desfavoravel e predispozeram-nos a acreditar as intrigas dos mouros. Os nossos foram tratados com verdadeiro desprezo e até encerrados n'uma casa, não se lhe permitindo comunicação alguma com o exterior.

Por fim, o ministro do Samori, não tendo conseguido que Vasco da Gama desse ordem aos navios para se approximarem mais de terra e temendo as represalias dos que haviam ficado a bordo, consentiu que o capitão-mór e os seus recolhessem aos navios, mas só depois de desembarcadas as mercadorias que n'elles vinham para vender. Dois mezes se passaram em hostilidade latente com os mouros, protegidos pelo rajah. Este, um dia, não consentiu que os dois portuguezes que estavam em terra com as mercadorias recolhessem a bordo. Vasco da Gama fingiu não se irritar com isso.

Os navios portuguezes eram muito visitados por indios e uma occasião, achando-se a bordo 25, dos quaes 12 dos mais importantes commerciantes da terra, Vasco da Gama prendeu-os e enviou a terra 6 dos menos considerados com recado de que, se lhe não restituisssem os dois portuguezes, partiria para Lisboa com os 19 indios; e, para mostrar que isso lhe não custava, levantou ferro e foi para o mar bordejar, voltando ao porto 4 dias depois. Logo lhe mandaram para bordo os dois portuguezes, mas o capitão-mór desembarcou só seis, mandando dizer que só poria em terra os outros, quando lhe mandassem as mercadorias. Mandaram-lh'as logo, mas elle não desembarcou os 13 indios, partindo para Lisboa dois dias depois com elles a bordo.

No regresso foi queimada a nau *S. Raphael*, nos baixos a que deram esse nome, e nas alturas de Cabo Verde os dois navios restantes separaram-se, indo Nicolau Coelho na *Berrio* para Lisboa, onde chegou a 29 de julho de 1499, e Vasco da Gama na *S. Gabriel* para a ilha Terceira, onde falleceu seu irmão Paulo da Gama. Fretando então uma caravella, n'ella chegou a Lisboa a 29 de agosto de 1499, onde foi recebido com enorme entusiasmo, dando-lhe D. Manoel muitas e importantes recompensas.

Vasco da Gama voltou á India em 1502 como capitão-mór da quarta esquadra armada com esse destino e a mais poderosa de todas que até então para ali tinham seguido. Ia disposto a infringir ao Samori de Calicut um severo castigo pelos vexames que lhe fizera soffrer e a espalhar o terror em toda a India. Para começar, a 3 de outubro, encontrando no seu caminho uma nau de Meca carregada de peregrinos, queimou-a com toda a gente que lá dentro, salvando apenas 20 creanças para as baptisar! Dirigiu-se depois para Cananor cujo rajah se submettia á vontade dos portuguezes e, seguindo d'ali para Calicut, intimou o Samori a expulsar dos seus estados todos os mouros e, como este recusasse, destruiu a cidade com um terrivel bombardeamento. Não se contentando com isso, ainda por lá se demorou mais tres mezes a hostilizar o Samori por todos os modos e feitos. Regressando a

Lisboa, foi recebido com toda a solemnidade, mas a noticia das suas inconcebiveis crueldades não produziu boa impressão.

Desde então o vulto de Vasco da Gama sumiu-se na sombra até que em 1524 voltou á India, mas na qualidade de vice-rei, o segundo que lá foi com este titulo.

A India era escandalosamente governada por D. Duarte de Menezes e tornava-se necessario um homem respeitavel, conhecedor das coisas da India e que ao mesmo tempo fosse dotado de energia indomavel. Vasco da Gama era realmente o homem da situação e com effeito não desmintiu as esperanças n'elle depositadas. Pena foi que a morte tivesse vindo tão cedo pôr termo á sua preciosa existencia. Vasco da Gama morreu em Cochim no dia 25 de dezembro d'esse mesmo anno de 1524.

Foi na sua ultima viagem á India que se deu um incidente que mais uma vez salientou a presença de espirito do capitão mór, aquella rara serenidade que não o abandonava nos mais arriscados lances. Proximo da Costa Malabar os navios foram violentamente sacudidos por uma fortissima convulsão submarina. No navio almirante, como nos outros, apoderou-se da tripulação um panico indiscriptivel. Vasco da Gama sereno e imperturbavel, voltando-se para os marinheiros aterrados, gritou-lhes com voz forte:

«Não hajaes receio! São os mares a tremer com medo de nós!»

LIVROS

Aguas passadas...

É um elegante volume, de cerca de 400 paginas, de que é auctor o nosso velho amigo Camara Lima e tambem nosso antigo collega na redacção d'esta Revista.

Aguas passadas... passaram quasi todas pelo *Brasil-Portugal* e fizeram as delicias de muitos dos nossos leitores. São artigos ligeiros acerca dos acontecimentos dos ultimos tempos da monarchia e dos principios da republica, cheios de finissimas observações e escriptos com aquelle bom humor que é uma das caracteristicas de Camara Lima.

Assim, reunidos em volume e com o addicionamento de mais alguns capitulos, as *Aguas passadas...* ficaram com um sabor ainda melhor do que já tinham, muito melhor mesmo do que o de certas aguas que os medicos recommendam n'este tempo e que afinal não são tão beneficas e ficam mais caras.

A Camara Lima os nossos agradecimentos pela gentileza da offerta do seu livro.

Almanach Bertrand para 1914

Tambem recebemos e agradecemos este magnifico almanach, que é o melhor livro d'este genero que se publica no nosso paiz.

Basta dizer-se que é coordenado e collaborado pelo mimoso poeta sr. Fernandes Costa, o auctor do «Eterno Feminino», para que todos fiquem scientes de que não ha exagero no nosso modo de dizer.

O *Almanach Bertrand* conta já 15 annos de existencia.

TROVAS

Quem me dera naufragar
No teu olhar doce e vago,
Mais profundo do que o mar,
Mais sereno do que um lago!

Teus olhos ferem de morte,
Teus olhos fazem morrer;
Mas vê tu que triste sorte,
Sem elles não sei viver!

Alma Enamorada

Um novo livro de Alberto de Madureira

Vai apparecer brevemente nas livrarias um novo livro de Alberto de Madureira, que não é um desconhecido nas letras, antes as cultiva com notoriedade, evidenciando-se na poesia do que é esmerado joalheiro. Alberto de Madureira vai publicar um livro de prosa; pela leitura do excerpto que a seguir inserimos, o leitor pôde avaliar do interesse que naturalmente desperta a obra litteraria a que fazemos referencia.

Foram proseguindo assim, ardentes e apaixonadas, as relações de Justina com o estudante de Laboriz. A mesma intensidade de affecto, as mesmas demonstrações de perduravel consagração, a mesma fé ingente e inalteravel n'um futuro sorridente e florido, inspiravam invariavelmente as cartas permutadas entre os dois amantes.

Mas este doce enleio das duas almas teve apenas a curta duração das rosas.

Embora aparentemente affastado e esquecido do seu antigo namoro, o Albino Marques nunca puzera de parte a possibilidade de reatar, mais tarde ou mais cedo, as relações com a filha do Dr. Venancio e só esperava o momento propicio para a realização do seu proposito.

Aproveitando a ausencia de Paulo de Azevedo, começou rondando o Juncal e a apparecer em toda a parte onde fosse Justina.

Um dia mandou-lhe um ramo de violetas e mais adiante resolveu-se e escreveu-lhe uma carta.

Andava sobresaltada e inquieta com a teimosia do morgado, a joven amada do filho da D. Maria dos Anjos.

A principio ligou pouca importancia ao caso e só a incommodava a lembrança de que tudo aquillo chegasse ao conhecimento de Paulo. De resto entendeu que não passava d'uma veleidade e d'um capricho frivolo o facto do Albino Marques a andar outra vez a requestrar.

Seguiu-se depois a historia do ramo e da carta, á qual, embora concebida nos termos mais affectuosos e sensibilizadores, contendo saudosas evocações do passado, que elle dizia não poder esquecer mais, e assim por aqui fóra, uma longa enfiada de amabilidade e outras coisas agradaveis, ella não respondeu.

Porém, longe de esmorecer na difficil empresa, elle não desistiu, redobrando na canceira e na pertinacia para vencer o inflexivel coração da conversada do estudante.

Mandou-lhe nova carta que, como a primeira não obteve resposta. Firme e resolutivo nos projectos que traçara, tenaz e ousado, pediu-lhe instantemente, por intermedio de uma mulher que trabalhava no Juncal, que elle fizera empenhar no assumpto a troco de seductora recompensa, para vir fallar-lhe ao pomar, ao pé da laranjeira da beira do caminho. Que era só para lhe fazer uma pergunta e saber d'uns palavreados por causa d'uma questão que elle queria tirar a limpo: que era um instantinho: só chegar e ir logo, não se demorando tempo nenhum.

Justina recusou formalmente acceder ao pedido do Albino Marques, mas a jornalista tanto andou e taes maneiras teve que a persuadiu, finalmente, ainda que contrariada, a mandar-lhe dizer que sim; que lá apparecia no logar indicado na tarde d'aquelle mesmo dia.

O encontro não foi tão breve como havia sido prometido e a filha do Dr. Venancio viu logo, no começo da conversa, que o motivo d'aquelle entrevista não passava d'um arditoso pretexto para a chamar alli, a ouvir as novas propostas do seu antigo namorado e reatar com elle as relações d'outr'ora!

Debaixo d'um enorme peso moral e grande emoção, nervosa e a falla tremula, Justina escutou o da Varziela, os seus protestos de verdadeira affeição, as suas instantes supplicas, as suas ardentess promessas de fidelidade: que nunca a poderia esquecer, nem mesmo se casasse com outro; que por sua parte não queria saber de mais ninguem: que já tinha deixado a Custodia tecedeira; que aquillo fora uma leviandade, que ella devia perdoar; que deixasse o estudante; que tudo que Paulo lhe dizia não passava d'um simples galanteio, só para se entreter e espalhar tempo; que em Coimbra, elle se divertia com outras raparigas; que não se fiasse n'elle; que se lembrasse de que, afinal, elle era um passaro d'arribação.

E por aqui fóra um desfechar continuado de queixumes e arazoados, tendentes a sensibilizar-lhe o coração e a desviar-la do de Laboriz.

Ella vivamente impressionada pelas palavras do morgado, a cabeça estonteada pelo que ouvia, perplexa e sem attinar com o que lhe responder, despediu-se apressadamente, desculpando-se com o pae que estava em casa e prometendo fallar-lhe outra vez.

Os dias que se seguiram ao da sua estada com o morgado, foram para Justina d'uma enorme tortura moral. Cretura de facil sugestão, alma extremamente compassiva e impressionavel, sentia-se fortemente abalada pelas carinhosas demonstrações de affecto que elle lhe déra e pelas convincentes razões apresentadas para esquecer Paulo e se lhe dedicar por uma vez e decididamente.

Vinha-lhe então ao pensamento o tempo em que o amara fervorosamente, o projecto de casamento, sonhando por elles debaixo d'aquelle mesma laranjeira, onde ultimamente lhe fallára, as horas deliciosas em que se esquecera a seu lado, lembrando-se até, promenorissadamente de varios incidentes succedidos no decurso d'esses passados amores e que ainda n'aquelle momento se revestiam para ella de uma terna e grata recordação.

Acontecera depois a historia da tecedeira, que viera tira-los da suave quietação em que os seus dois corações se embalavam ardentemente. Mas isso que tinha lá? Fóra uma nuvem que passara.

Depois, elle já não lhe fallava nem se importava da mulher. Ella já o sabia ha muito e era verdade tudo quanto elle lhe affirmava.

Mas Paulo!? — reflectia ainda Justina, nas suas tormentosas locubrações de todos os instantes. O seu amor, a intensa paixão que o dominava, as provas inequivocas da sua enorme dedicação, que tão eloquentemente lhe patenteara, a ella, grangeando-lhe por igual a sua verdadeira estima, o seu affecto incommensuravel, a maior ternura do seu coração, tudo isto decididamente não podia ser esquecido, nem desprezado. Depois, os juramentos que ella fizera, os solemnes compromissos que contrahira, a promessa tão calorosa e tão ardente, que fizera de se lhe consagrar perduravelmente, todas estas manifestações, emfim, da sua alma haviam de ser cruelmente trahidas!? Oh!... Seria uma perjura e havia de ferir de morte, impiedosamente e dolorosamente, um coração tão nobre, tão leal, tão apaixonado, como era o de Paulo. Não! Nunca!

Seria forte e ganharia terreno para, na primeira vez que estivesse com o Albino Marques, lhe dizer sem reboço que a esquecesse, pois que entre ambos tudo estava acabado.

Porém, contrariando a sua resolução, que ella suppozera inabalavel e firme, e vencida pelas reiteradas instancias do morgado, astuciosamente ajudado pelo curso da jornalista por elle comprada, a voluvel amante de Paulo d'Azevedo accedeu a fallar-lhe por mais vezes, sem que em algumas d'ellas tivesse coragem para o desenganar e lhe dizer o que no seu intimo se propozera.

D'ali em diante, as quentes palavras do Albino Marques começaram a amolecer-lhe o coração inexperiente e juvenil e uma luta angustiosa principiou a travar-se no âmago da sua alma.

Entretanto as cartas para Coimbra foram rareando, sem já conterem as apaixonadas expressões d'outr'ora, nos seus periodos já não fulgindo aquelle ardor e aquelle entusiasmo que nos primeiros tempos tanto haviam enternecido o coração do estudante.

Elle notará logo esse arrefecimento de correspondencia, que se ia espaçando aos poucos, a frieza glacial que revestiam as suas palavras e a omissão de referencias a assumptos que Paulo tratava nas suas cartas, que mais interessavam ao futuro dos dois, o que parecia propositadamente feito.

As férias do carnaval passaram sem que Paulo fosse a Laboriz, facto que foi aproveitado pelo Marques para fazer convencer Justina da pouca importancia que o estudante lhe ligava, bordando sobre o caso insidiosas reflexões e commentários.

Desinquieta-se sobremaneira Paulo d'Azevedo com a estranha e repentina transformação da sua namorada, que elle não sabia nem podia explicar, por mais tratos a que sujeitasse a sua febril imaginação.

A's primeiras impressões lembrou-se de lhe escrever logo, a queixar-se da sobriedade das suas cartas e da morosidade com que lhe respondia. Mas, deteve-se, depois, calculando que o melhor seria calar-se, sem se dar por achado, ir observando attentamente as phases porque parecia estar passando o coração de Justina e nas ferias da Paschoa certificar-se directamente da verdadeira causa de semelhante mudança.

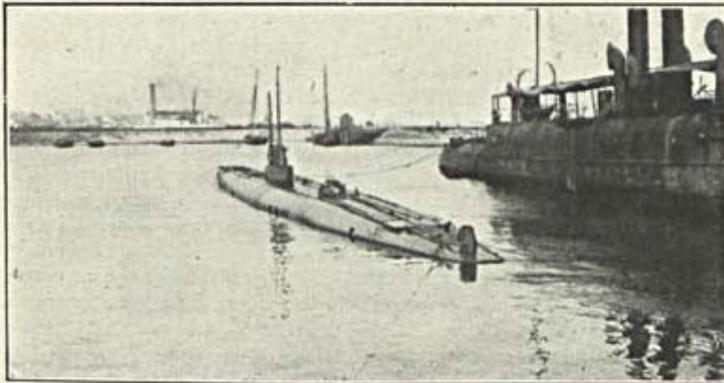
Até lá foi sustentando a habitual correspondencia o mais serenamente que pôde, tendo cuidado de exteriorizar o fogo da sua paixão, sempre crescente e imperecivel, sem uma palavra que a podesse magoar, sem uma phrase que podesse lançar no seu espirito a menor suspeição sobre os seus secretos designios e desconfinças.

No dia anciosamente esperado, voltou a casa deseioso de inquirir de perto do que se passava no intimo de Justina com respeito ás relações que com elle mantinha.

Nas suas idas ao Juncal e nas conversas com a filha do dr. Venancio, Paulo de Azevedo reconheceu logo, a principio, uma

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

Experiencias de immersion do submersivel «Espadarte»



O submersivel sahindo da agua

grande differença nas maneiras e no todo por que a sua namorada lhe falava.

Já não via a mesma creatura expansiva e alegre, com aquelles transportes de ternura e affecto, que tanto o haviam deliciado e constituido a sua maior felicidade. Mais retrahida e visivelmente preocupada, os seus olhos já não tinham o brilho fascinante de até ali e as suas palavras indecisas e de sentido vago já não traduziam aquelle fervoroso enlevo dos primeiros tempos. Até d'uma vez, passando por elles o Albino Marques, notou um ligeiro rubor nas faces de Justina e uma certa perturbação mal disfarçada, que mais vieram arrear no seu espirito a dolorosa suspeita que o flagelava.

Não lhe restava a menor duvida. Era cruelmente enganado e só lhe faltava adquirir a prova d'essa traição, vendo com os seus proprios olhos.

Guardando em si o enorme desalento que ia na sua alma de enamorado, tão rudemente ferida, antecipou um dia o seu regresso a Coimbra, despediu-se com tristeza da mulher que tanto lhe fazia sangrar o coração e deixou Laboriz.

Mas, obedecendo ao seu plano, foi pernoitar a casa de um amigo que residia perto da sua aldeia, onde voltou a escurecer do dia seguinte.

Evitando o encontro com pessoas dos sitios, que o podessem reconhecer, enveredou, já noite cerrada, pelos caminhos que levavam para as bandas do Juncal.

Ao longe viu luz através dos vidros das janellas do quarto de sua mãe e o seu coração de filho extremo sentiu-se invadido de terna saudade pela tranquillidade que fazia n'aquella habitação.

Despertados pelo ruido secco e cadenciado dos seus passos, os cães ladravam dentro dos portaes e dos muros das quintas, e dentro das casas terreas que lhe ficavam na passagem, os aldeãos rezavam em voz alta.

Quando estava perto da residencia do dr. Venancio, farta-

mente illuminada pela claridade opalina do luar, affrouxou cautelosamente o passo e foi assim, abrigado pelas arvores que havia no lugar, e sem dar o menor signal da sua presença, até ao fim do soute.

Não foi necessario approximar-se mais para vêr dolorosamente confirmada a mortificante desconfiança que o levára ali. Justina, o busto donairoso gentilmente reclinado sobre o peitoril da ultima janella virada para o caminho, fallava para o Albino Marques, cujo vulto, meio confundido na sombra projectada pela casa, elle reconheceu nitidamente.

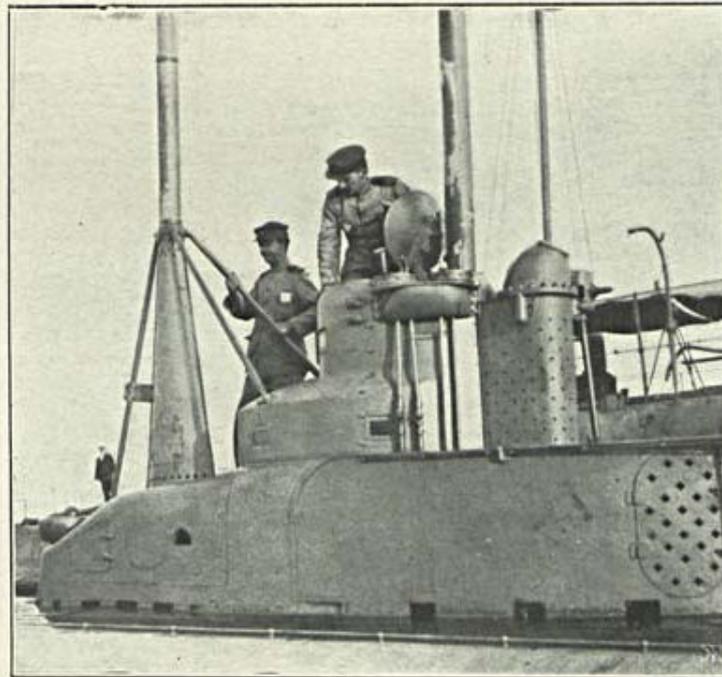
Apesar de estar quasi prevenido para vêr a inexoravel confirmação da torturante suspeita que ha muito tempo o andava a espicaçar, o sangue jorrou-lhe á cabeça, n'uma onda revolta de suffocante indignação e dôr, a vista torvou-se-lhe de commoção e as palpitações do coração começaram-lhe a bater desordenadamente. Todo elle tremia, como arbusto flexivel oscilando á mercê da briza. Estava tudo terminado para elle.

Adquirida a certeza da deslealdade da mulher que elle tanto amava e sem o affecto da qual julgava não poder viver, ferido impiedosamente na maior aspiração da sua alma, tinha de cobrar animo, abandonar aquelle sitio, esquecer de vez a creatura que tanto parecia comprazer-se em o torturar e deixar-se morrer lentamente.

Era o que ia fazer. Antes porém quiz lançar-lhe um ultimo olhar de condemnação e desprezo que a fulminasse e indelevelmente lhe ficasse gravado no sentido, mordendo-a de remorso eterno e doloroso.

Revestiu-se da maior serenidade que pôde, deu vagarosamente alguns passos na direcção dos dois, parou fitando um momento a janella onde estava Justina e voltou-se logo, impassivel, sem preferir uma palavra, retomando pelo mesmo caminho.

Ao vêr surgir de entre o sombreado do arvoreda e quedar-se debaixo da janella a figura esbelta de Paulo de Azevedo, a filha do Dr. Venancio deixou escapar um grito abafado de angustia e, recuando para dentro, sumiu-se no vão escuro da sala, enquanto o Marques, tomado de surpresa, os pés colados no chão, a respiração suspensa e os olhos desmesuradamente abertos, presenciava estupefacto a estranha e imprevisita scena, sem fazer o mais insignificante movimento. A seguir, alguém que elle não reconheceu,



Experiencias do submersivel «Espadarte»

O commandante Almeida Henriques sahindo da casa do commando depois das experiencias



Experiencias do submersivel «Espadarte»

Lançando a amarração

*(Phot. de ***)*

veiu de manso descer a vidraça da janella, indicando assim o termo dos seus devaneios amorosos d'aquella noite, tão brusca-mente interrompidos.

O estudante de Laboriz ainda ouviu de longe o leve ruído causado pelo baixar da vidraça.

Vivamente impressionado pelo que vira, reconhecendo terem sido levianas e falazes as promessas e juramentos tão fervorosamente celebrados por Justina, morrendo de amor por ella, sentiu-se esmagado sob o peso de tão enorme dôr, tão grande e tão cruciante, que receiava não possuir energia bastante para a poder supportar. Tinha contrações de nervosa irritação e de verdadeira loucura, pensando na martyrisante provação a que ella tão cruelmente o sujeitava. E, simultaneamente, o coração enchia-se-lhe de branduras e de indefinidas sensações, ao recordar entre allucinado e succumbido, a canoridade das suas fallas, que a todo o instante se lhe repercutiam nos ouvidos, n'um rythmo embalador e suavissimo, o dôce fluido do seu olhar e a belleza e graciosidade das suas feições e das suas fórmãs airosas, d'uma impecavel correcção.

Assim, debatendo-se em intimo e angustioso soffrimento, concentrado na intensa magua da sua alma, vagueou por muito tempo

quiçada do cemiterio da sua aldeia e, mais adiante um pouco, a torre infundibuliforme da egreja, erguendo-se triumphante e austera para o céu.

Paulo de Azevedo teve um estremecimento convulso e nervoso, correu as mãos pela testa afoqueada, levantou-se e caminhou vagarosamente, dirigindo-se para casa do amigo, onde pernoitara na vespera.

Italia Vitaliani em Lisboa

E' o titulo com que o distincto escriptor Armando de Araujo editou um pequeno album em magnifico papel e luxuosa impressão, contendo, alem de varias photographias da genial e inolvidavel actriz Italia Vitaliani nos diferentes dramas por ella tão primorosamente interpretados, taes como a *Fedora*, *Labareda*, *Magda*, *Dama das Camélias*, *A Mãe*, *Soror Thereza*, etc., outras de seu esposo, o bello actor Carlo Duse, nos dramas em que mais

THEATRO DA AVENIDA — A revista "0 31"



Final do 2.º acto

pelos caminhos e pelos campos, ao acaso e sem tomar resolução alguma sobre o seu proprio destino.

Debalde tentava affastar do pensamento a imagem da creatura que era o instrumento do maior supplicio da sua vida e sempre a melodia da sua voz lhe retinia nos timpanos como que a despertá-lo, chamando-a á dureza da realidade da sua incommensuravel desventura.

Foi andando, andando sempre, inteiramente absorto e fóra de si. A testa escaldava-lhe, o peito comprimia-se-lhe n'uma respiração difficil e desigual, o sangue estava-lhe nas veias e a cabeça parecia que lhe ia estoirar.

Não podia mais. O cerebro começou a perturbar-se-lhe, a vista a fugir-lhe e as pernas a cambalearem-lhe, em passos incertos e sem firmeza. Cançado, exausto de forças, sentou-se abandonado n'uma pedra que se lhe deparou e deixou-se ficar assim tempo infindo, n'um turbilhão de pensamentos desconexos e dila- cerantes, que o estonteavam cada vez mais.

Já tarde, tres badaladas batidas no bronze d'um sino, vieram accorda-lo sinistramente da modórra que o prostrára.

Eram tres horas da madrugada. O pobre moço ergueu a cabeça e olhou em volta de si, a reconhecer o logar em que se achava.

Perto, para o lado do nascente, distinguu a parede esbran-

se salientou, taes como *Magda*, *Tosca*, *Locandeira* e *Dama das Camélias*.

E como se tal não bastasse para o interesse que o lindo album desperta, acompanham as photographias, magnificas prosa e verso em que collaboraram distinctos escriptores, entre os quaes, respigando ao acaso, se notam: Armando de Araujo, H. Lopes de Mendonça, Affonso Vargas, Accacio de Paiva, Eduardo de Noronha, Augusto de Castro, Alfredo Serrano, Ramada Curto, Esculapio, André Brun, Severo Portella, Braz Burity, Joaquim Madureira, Antonio Guimarães, etc., etc.

Magnifica homenagem prestada á bella artista e uma recordação das deliciosas noites que ella nos proporcionou, e que os seus admiradores, que são quantos a ouviram, decerto muito apreciarão.

Um encanto, o bello grupo de Italia Vitaliani, seu marido Carlo Duse e seus filhos, com que o lindo album fecha as suas interessantes paginas!

Illustra-lhe as capas uma bella aguarella de Allonso, encimada pelas Quinas Portuguesas, tendo á esquerda uma Não de vellas enfunadas, á direita a rendilhada torre de Belem e no fecho, em baixo, em livro aberto, os *Luziadas*.

Uma bella pagina.

A Carlo Duse e Italia Vitaliani os nossos agradecimentos pela gentilissima offerta.